

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO COTIDIANO DA CRIANÇA DISLÉXICA: desafios à prática docente.

Abraão Dias Pinheiro¹
Cintia Mara Alves de Abreu
Cleidiane Alves da Silva
Daniela Ferraz do Carmo
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Lins Sant'Anna²

RESUMO

O presente artigo desenvolve-se a partir de uma pesquisa realizada a fim de conceituar e identificar as características e especificidades do distúrbio neurológico específico da linguagem, denominado Dislexia. Dessa forma, descrevemos um breve histórico sobre como foi identificado o distúrbio pela primeira vez e explicitamos as definições estabelecidas para a dislexia na perspectiva de vários autores. Identificamos várias estratégias a fim de proporcionar uma aprendizagem significativa para nossos educandos, extinguindo de vez o estigma de alunos preguiçosos, desinteressados e incapazes de apreender o que lhes é ensinado. O que pretendemos esclarecer é que o dislético não possui uma doença, e que sua dificuldade pode ser superada mediante tratamento individualizado. Procuramos encontrar meios que possibilitem ao educador superar os desafios em sua prática com a criança dislética, sugerindo maneiras mais dinâmicas de aplicação dos conteúdos necessários, relacionando-os à realidade dos sujeitos envolvidos, a fim de torná-los mais interessantes e eficazes.

Palavras-chave: Estratégias. Dislexia. Dislético. Ensino-aprendizagem

ABSTRACT

This article is developed from a survey in order to conceptualize and identify the characteristics and specificities of the language specific neurological disorder called Dyslexia. Thus, we describe a brief history of how the disorder has been identified for the first time and we made explicit the definitions for dyslexia in the view of various authors. We identified several strategies to provide meaningful learning for our students, extinguishing once the stigma that the students are lazy, uninterested and unable to grasp what they are taught. What we want to clarify is that dyslexics do not have a disease and its difficulty can be overcome through individualized treatment.

¹ Graduandos do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 5º Período - abraaodias_12@hotmail.com; cintiamaraalves@hotmail.com; cleidialvessilva@yahoo.com.br; daniela.carmo@sga.pucminas.br

² Doutora em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Educação (Mackenzie-SP), Professora do Curso de Pedagogia e pesquisadora da PUC Minas. - verasantanna@hotmail.com

We seek to find ways to enable the educator to overcome the challenges in your practice with dyslexic children, suggesting more dynamic ways of applying the required contents, relating them to the reality of those involved in order to make them more interesting and effective.

Key words: Strategies. Dyslexia. Dyslexic. Teaching and learning.

1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos em educação e ensino de qualidade, devemos analisar diversos fatores que podem influenciar o andamento do processo de aprendizagem. Uma das discussões mais polêmicas atualmente em nossa sociedade é a questão da inclusão de alunos com necessidades específicas nas escolas regulares. Essa inclusão torna-se cada dia mais difícil visto que muitos desses alunos já frequentam a escola de fato, mas não estão necessariamente incluídos. Acreditamos que uma inclusão só acontecerá realmente quando os educadores e acompanhantes desses alunos especiais receberem uma preparação adequada para trabalhar com essas crianças. É necessário conhecer a especificidade de cada deficiência para compreender como se deve agir frente a cada aluno. Dentre outros distúrbios, elegemos a dislexia, por ser de complexidade imensurável e de pouco conhecimento por parte da sociedade.

A pesquisa tem como ponto de partida observações de alunos que apresentaram sintomas similares aos da dislexia, sobre os quais surgiram dúvidas a respeito do diagnóstico positivo ou negativo desses alunos. Diante da dúvida, faz-se necessário conhecer a fundo o conceito, bem como suas causas e consequências, a fim de encontrar esclarecimentos sobre qual seria o papel do educador frente a essa criança disléxica.

Através dos resultados da pesquisa espera-se encontrar meios pelos quais o educador possa garantir a evolução do quadro disléxico, identificando estratégias, metodologias e atividades necessárias para efetivar a inclusão do disléxico na sala de aula, a fim de promover aprendizagem significativa, que o permita, enquanto aluno superar os desafios postos e evitar possíveis frustrações futuras.

2 DISLEXIA: Uma abordagem teórica

Para compreender o conceito de dislexia, devemos primeiramente conhecer a origem da palavra. Segundo Maria Eugênia Ianhez e Maria Angela Nico (2002) “Ao desmembrarmos a palavra, de imediato temos a primeira noção básica do que vem a ser a dislexia. DIS = distúrbio; dificuldade; LEXIA = leitura (do latim) e/ou linguagem (do grego); DISLEXIA = distúrbio de linguagem.” (IANHEZ; NICO, 2002, p.25).

Os primeiros indícios de distúrbios de leitura acontecem em 1896 quando o médico inglês W. Pingle Morgan descreve,

[...] um jovem brilhante de quatorze anos, rápido em jogos, mas que tinha grande dificuldade para aprender a ler, cujos professores achavam que poderia ser o melhor aluno da classe se toda a instrução fosse dada oralmente. (PINGLE apud SANTOS; NAVAS, 2002, p.28).

A partir das descrições feitas anteriormente por Hinshelwood (1895), baseadas em pessoas com problemas de leitura adquiridos em decorrência de danos cerebrais, Morgan, atribui à análise do garoto o termo “cegueira congênita para a palavra”, concluindo ao final de sua pesquisa que o problema apresentado pelo rapaz, deveria ser de origem congênita. (HINSHELWOOD apud SANTOS; NAVAS, 2002, p. 28).

Para Hinshelwood (1895) a “cegueira congênita para a palavra” é um distúrbio que afeta a capacidade dos indivíduos em utilizar a linguagem escrita, sem possuir simultaneamente déficits cognitivos ou de linguagem oral. (HINSHELWOOD apud SANTOS; NAVAS, 2002, p. 28).

Um dos primeiros pesquisadores sobre os distúrbios de desenvolvimento de leitura e escrita nos estados Unidos foi o Dr. Samuel T. Orton (1937), que após dois anos de estudos, examinando várias crianças com esses distúrbios, constatou que essa dificuldade ocorria em proporção maior que a esperada na época. Partindo da pesquisa sobre as causas dos distúrbios de leitura, Orton elaborou sua teoria da dominância cerebral, que para ele caracterizava-se por: “uma falha no desenvolvimento da dominância do hemisfério esquerdo para a linguagem, que seria responsável pelos erros de espelhamento e de sequência das letras observados em indivíduos disléxicos.” (ORTON apud SANTOS; NAVAS, 2002, p. 28). “Também

postulou a mesma explicação para o atraso na linguagem e a gagueira.” (ORTON apud CONDEMARIN; BLOMQUIST, 1986, p. 29).

Para Samuel T. Orton, a dislexia,

É uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. É hereditária e a maior incidência é em meninos na proporção de três para um (ou seja, a cada três meninos que nascem com dislexia, apenas uma menina nasce disléxica). (ORTON apud SANTOS IANHEZ; NICO, 2002, p.21-22)

Outro autor de imensurável importância no estudo da dislexia é Myklebust (1962) que define a dislexia como *“uma desordem de linguagem que impede a aquisição de sentido por intermédio das palavras escritas, por causa de uma deficiência na habilidade de simbolização.”* (MYKLEBUST apud IANHEZ; NICO, 2002 p. 22)

Ianhez e Nico (2002) afirmam que posteriormente esse conceito foi reelaborado e percebeu-se que ao contrário da hipótese de Myklebust, a desordem de linguagem não impedirá a obtenção do sentido, causará apenas uma dificuldade nesse processo, que pode ocorrer em vários níveis.

Uma terceira definição elaborada em 1994 pela International Dislexia Association e adotada pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), conceitua a dislexia como sendo: “[...] um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA apud IANHEZ; NICO, 2002, p.6)

De acordo com Ianhez e Nico (2002), a dislexia apresenta sintomas diferenciados de outros distúrbios, sendo eles:

Desempenho inconstante; Demora na aquisição da leitura e da escrita; Lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; Dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; Escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; Dificuldade em associar o som ao símbolo; Dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); Discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e o potencial cognitivo; Dificuldade em associações, como, por

exemplo; associar os rótulos aos seus produtos; Dificuldade para organização sequencial, por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc.; Dificuldade em nomear objetos, tarefas, etc.; Dificuldade em organizar-se com o tempo (hora), no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda); Dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações, ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; Dificuldade em organizar suas tarefas; Dificuldade com cálculos mentais; Desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; Persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26-27).

Diante desses sintomas podemos considerar que são vários os fatores que o educador deve observar em seus alunos. Ele precisa ter consciência de que são particularidades específicas de um distúrbio e não falta de interesse ou descaso do aluno. É um processo demorado de aquisição de linguagem que necessita de acompanhamento e tratamento especial.

Marley Barbosa Richard e Fátima Eliana Frigatto Bozzo (2009) ressaltam que estes sintomas apresentados podem ocorrer juntos, mas não necessariamente. Cada disléxico possuirá alguns tipos de anomalias, mas muito dificilmente todas simultaneamente. Afirmam ainda que devemos tomar muito cuidado para não confundirmos qualquer sinal de dificuldade com a dislexia. Algumas pessoas podem apresentar sintomas relacionados à dislexia e não serem disléxicas.

Ilanhez e Nico (2002) afirmam que existem duas classificações baseadas nas causas da dislexia, a congênita ou de evolução e a dislexia adquirida ou afasia. A primeira é hereditária, decorrente de fatores genéticos que geram uma fragilidade nascida com esses indivíduos; a segunda é consequência de algum dano neurológico em indivíduos que já eram alfabetizados, causando um distúrbio de linguagem ou resultado de um traumatismo craniano, acidente vascular, derrame ou tumor.

De acordo com Richart e Bozzo (2009) o diagnóstico da dislexia só pode ser realizado por uma equipe multidisciplinar especializada e se a criança já estiver inserida no processo de alfabetização, de aquisição da leitura e escrita e compreensão da linguagem, do contrário, o diagnóstico será apenas de risco.

A equipe multidisciplinar pesquisará todas as possibilidades com o objetivo de estabelecer um diagnóstico preciso, identificando, ainda, as dificuldades e necessidades específicas da pessoa em processo de avaliação, bem como seus potenciais preservados. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 31)

É neste momento que são identificados os primeiros sinais de que aquela criança possui algum déficit que o impede de chegar a compreensão através do mesmo sistema trabalhado com os demais alunos.

O primeiro a reconhecer estes sinais será o professor, e será dele o dever de observar seus alunos e identificar a presença de alguma dificuldade com características específicas, além de posteriormente encaminhar esse aluno a especialistas para que se possa realizar um diagnóstico final.

Informações como o desenvolvimento da criança, histórico familiar, desempenho escolar, métodos de ensino e repertório adquirido são de muita importância, por isso os pais e a escola também são fontes essenciais de informação. Essa troca de dados entre os profissionais será importante também para se fazer o encaminhamento adequado. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 29-30).

É necessário que os professores tenham total conhecimento sobre os sintomas e o funcionamento dessa disfunção, pois quanto mais cedo for realizado um diagnóstico preciso, mais chances de superar esse processo a criança terá.

Independente da idade em que for realizado o diagnóstico da dislexia é preciso que haja empenho por parte da escola e da família, para que se possam providenciar as condições necessárias para que o disléxico alcance uma aprendizagem significativa e se livre das frustrações do fracasso pessoal e escolar.

3 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM PARA A CRIANÇA DISLÉXICA

“Face aos desafios atuais, o professor precisa desenvolver as competências adquiridas na formação inicial e na maioria das vezes de construir competências inteiramente novas.” (PERRENOUD, 2000, p. 158)

Segundo Heber Maia (2011, p. 92), o trabalho com o aluno disléxico deve ser realizado primeiramente por profissionais de saúde, o que não exclui o trabalho do professor, da família e do próprio aluno no processo de aquisição da leitura e escrita. Logo, a escola exerce o papel mais significativo no processo de transformação da situação da criança com dislexia.

O tratamento com o aluno disléxico deve acontecer onde o problema surge, ou seja, se ocorrer na sala de aula é lá que o professor deve fazer a intervenção. Não se pode simplesmente rotular uma criança, é necessário conhecer a fundo o

comportamento da mesma, para assim, através de uma análise geral, realizar as intervenções e encaminhamentos necessários.

De acordo com Ianhez e Nico (2002), as crianças que possuem dislexia aprendem de forma diferente, mas é possível que acompanhem o ensino tradicional se o professor preocupar-se em dar a ela apoio necessário para superar suas dificuldades. O professor deve promover ao aluno a possibilidade de relacionar o aprendizado com o concreto, pois o disléxico apreende melhor o conteúdo se no processo houver a estimulação dos órgãos sensoriais: tato, paladar, visão, sensação, etc. “Todo aprendizado que envolva os vários sentidos funciona de maneira positiva para os disléxicos e, convém ressaltar, também para os não disléxicos.” (IANHEZ; NICO, 2002, p. 78)

Ianhez e Nico (2002) apresentam ainda várias estratégias para o trabalho com alunos disléxicos. A primeira delas é o jogo da memória, onde os alunos são estimulados a desenvolver habilidades de concentração, observação e memória e também auxilia no trabalho a memorização de objetos, letras ou números. “Escrever no céu” ou “escrever no ar” também é um ótimo exercício, pois, reforça o padrão neurológico. Para o trabalho com a matemática sugere-se a permissão do uso de calculadora ou tabuada, pois o trabalho com materiais concretos facilita a aprendizagem. O computador também é um aliado, pois permite que a criança cometa erros sem punições, mas deve-se tomar o devido cuidado, procurando escolher programas que se adaptem ao perfil do aluno. O gravador também pode ser usado no processo de aprendizagem, ele auxiliará o aluno, possibilitando que o mesmo possa gravar a leitura de textos e aulas, entre outras coisas, para posterior revisão.

Além dessas estratégias apresentadas pelas autoras citadas anteriormente, a Associação Nacional de Dislexia (AND) elenca algumas sugestões para que o professor possa garantir o sucesso na aprendizagem do aluno, são elas:

Certifique-se de que as tarefas de casa foram compreendidas e anotadas corretamente; Certifique-se de que seu aluno pode ler e compreender o enunciado ou a questão. Caso contrário, leia as instruções para ele; **Leve em conta as dificuldades específicas** do aluno e as dificuldades da nossa língua quando corrigir os deveres; **Estimule a expressão verbal** do aluno; **Dê instruções e orientações curtas e simples** que evitem confusões; **Dê "dicas" específicas** de como o aluno pode aprender ou estudar a sua disciplina; **Oriente o aluno sobre como organizar-se no tempo e no espaço; Não insista em exercícios de fixação** repetitivos e numerosos, pois isso não diminui a sua dificuldade; **Dê**

explicações de "como fazer" sempre que possível, posicionando-se ao seu lado; **Esquematize o conteúdo das aulas** quando o assunto for muito difícil para o aluno. Assim, a professora terá a garantia de que ele está adquirindo os principais conceitos da matéria através de esquemas claros e didáticos; **"Uma imagem vale mais que mil palavras"**: demonstrações e filmes podem ser utilizados para enfatizar as aulas, variar as estratégias e motivá-los. Auxiliam na integração da modalidade auditiva e visual, e a discussão em sala que se segue auxilia o aluno organizar a informação. Por exemplo: para explicar a mudança do estado físico da água líquida para gasosa, faça-o visualizar uma chaleira com a água fervendo; **Não insista para que o aluno leia em voz alta perante a turma**, pois ele tem consciência de seus erros. A maioria dos textos de seu nível é difícil para ele. (DISLEXIA..., 2014)

Ilanhez e Nico (2002) afirmam que a dislexia é um distúrbio que acompanhará o disléxico por toda sua vida, mas isso não é uma condição que o tornará incapaz, ele pode com ajuda superar suas dificuldades e aprender a conviver com elas. A ajuda de pais e professores contribuirá para que ela vença a frustração e alcance o sucesso. Todos nós, seres humanos, disléxicos ou não, possuímos limitações, porém o que nos move é a esperança de sermos reconhecidos por aquilo que fazemos de melhor.

4 UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA DO DISLÉXICO

Antes de qualquer avaliação o professor deve observar os principais elementos para identificar se possui ou não um aluno com dislexia, são eles:

inteligência normal: a dificuldade para o aprendizado da leitura e escrita não é decorrente de deficiência intelectual. A criança apresenta desenvolvimento normal, funcionamento cognitivo adequado em outras áreas e boa adaptação social; **oportunidade sociocultural e instrução convencional:** a criança foi exposta aos estímulos linguísticos apropriados ao longo de seu desenvolvimento e teve adequado processo de alfabetização. Esse é um dos pontos mais complicados de ser analisado, uma vez que muitas crianças, em especial da rede pública, apresentam privação linguística e poucos anos de pré-escola para compensar esse *déficit*. Além disso, em razão da preponderância de métodos globais de alfabetização, a quantidade de instrução fonológica e ensino de correlações entre grafema e fonema tem sido pouca (a palavra "falha" seria melhor empregada aqui) em nossas escolas, trazendo prejuízos ao letramento de nossas crianças e em especial as menos favorecidas socialmente por não terem outras oportunidades de acesso a escritos que não na escola; Ausência de distúrbios sensoriais: a criança tem visão e audição adequadas ou com déficits pouco expressivos. (MAIA, 2011, p. 85-86)

Após essa observação, o professor constatará se possui ou não um aluno disléxico e a partir desses dados coletados, ele deverá procurar a melhor forma de colaborar para o sucesso no processo de ensino aprendizagem desse aluno. “[...] se o disléxico não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende!”. (BAUER, 1997, p.97)

Existem muitas dúvidas quanto à forma de trabalhar a alfabetização com alunos disléxicos. Segundo Andrew W. Ellis (1995), embora a dislexia seja na maioria das vezes decorrente de condição herdada, há possibilidades de o disléxico obter avanços na capacidade de leitura e escrita se no processo de ensino aprendizagem forem utilizados métodos eficazes. Os disléxicos apresentam mais dificuldades na área da fonética, por isso os métodos de ensino mais utilizados são focalizados nessa perspectiva.

De acordo com Condemarin e Blomquist (1986), a criança que não possui as habilidades para a leitura, precisa decifrar lentamente os símbolos e isso faz com que diminua a compreensão necessária para a aprendizagem, fazendo com que tenha mais dificuldade nas outras disciplinas como literatura, ortografia, gramática e etc., nas quais a leitura torna-se cada vez mais indispensável.

Ianhez e Nico (2002) afirmam que o melhor local para o ensino do disléxico é o ambiente da sala de aula normal, em convivência com outras crianças e com um professor que compreenda suas especificidades e adapte suas aulas de acordo com a necessidade do aluno disléxico.

[...] o professor deve utilizar um programa de linguagem bastante estruturado e fazer uso de todos os canais sensoriais: audição, visão, memória, tato, etc., tanto na escrita quanto na leitura. Isso é normalmente chamado de ensino multissensorial. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 88)

Crianças comuns apresentam o sistema sensório-motor adaptado para a compreensão da linguagem falada e escrita. Já as crianças disléxicas apresentam esse mesmo sistema deficiente quanto à capacidade de construir uma resposta automática a estímulos sensoriais.

O aprendizado multissensorial trabalha simultaneamente com o uso dos olhos, ouvidos, órgãos da fala, dedos e músculos, envolvendo todos os caminhos para o cérebro. A vantagem desse método é que a criança disléxica é capaz de usar áreas de força, ao mesmo tempo que exercita e fortalece áreas mais fracas. O objetivo é a criança aprender respostas automáticas duradouras (os nomes, os sons e formas de todos os fonemas)

e desenvolver a habilidade de sequenciá-las corretamente nas palavras. O conhecimento a tornará tão segura que ela poderá produzir de qualquer maneira o símbolo quando necessário, seja na leitura, escrita ou soletração. Todo o seu sistema receptivo precisa interagir simultaneamente para isso acontecer. A ajuda dos pais pode ser muito importante, pois eles podem cooperar com os professores reforçando o trabalho de classe. Além da relação afetiva, por estar em casa, ampliam-se algumas possibilidades práticas (envolvimento dos sentidos). (IANHEZ; NICO; 2002 p. 88-89).

Simone Diegues Oliveira, (2006) afirma que o aluno disléxico deve ter tratamento individualizado. Dessa forma, os resultados aparecerão de maneira “consistente e progressiva”. Com ajuda de profissionais, o disléxico pode sim, superar suas dificuldades se o educador priorizar o uso de materiais concretos que estimulem o desenvolvimento dos sentidos do aluno, propiciando uma relação de confiança e entrosamento entre educador e educando.

A Lei nº 11.274/2006 define “Art. 1º Os entes federados, as escolas e as famílias devem garantir o atendimento público subjetivo das crianças com 6 (seis) anos de idade, matriculando-as e mantendo-as em escolas de Ensino Fundamental [...]” (BRASIL, 2006).

Entretanto, Condemarin e Blomquist, questionam a entrada precoce de alunos na escola, visto que o grau de maturidade do aluno nem sempre condiz com a idade cronológica.

Muitas escolas regem-se pela idade cronológica como único critério de seleção para os alunos que ingressam no primeiro ano do primeiro ciclo e não consideram a maturidade para a iniciação da aprendizagem da leitura. Estar pronto para ler implica maturidade em vários aspectos: a criança deve possuir uma idade visual. Implica também uma idade linguística: a criança deve ser capaz de expressar seus pensamentos em frases, com suas próprias palavras, escutar e contar histórias em sequência apropriada e dar identidade verbal ao objetos e símbolos. Implica por último, uma idade emocional e social: a criança deve ser capaz de permanecer longe da mãe sem angustiar-se. Deve ser capaz de alternar, cooperar e competir com o grupo de iguais e de aceitar outra autoridade e fonte de afeto independente do laço familiar primário. (CONDEMARIN; BLOMQUIST, 1986, p. 17).

Acreditamos que a criança, se inserida no ensino escolar antecipadamente poderá fracassar no processo de aprendizagem e adotar uma espécie de aversão em relação á leitura. Tudo deve ser analisado, desde a idade cronológica até a adequação de maturidade entre as crianças, visto que cada uma possui características específicas que precisam ser consideradas e respeitadas.

Para Ianhez e Nico (2002), a escola não deve focar-se apenas no ensino, mas preocupar-se principalmente com o processo de aprendizagem dos alunos. O

educador em sua prática deve esgotar-se em recursos a fim de que todos os alunos inclusos no processo aprendam de forma significativa e eficaz.

Fica evidente a necessidade de se redefinir as práticas pedagógicas e criar novas alternativas que favoreçam a todos os alunos. Isso só ocorrerá se houverem mudanças relevantes nas metodologias utilizadas a fim de torná-las compatíveis com o desafio de lidar com uma criança disléxica.

Essas mudanças não devem partir apenas do educador, mas na escola como um conjunto. O trabalho só terá efeito se todos os participantes do processo estiverem comprometidos com os objetivos e em busca das finalidades propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diagnosticamos que a dislexia é um tema muito complexo de ser analisado. Por se tratar de um distúrbio de linguagem, pode ser muito confundido com outros tipos de dificuldades e por isso seu diagnóstico deve ser minimamente estudado antes de ser definido. Os alunos disléxicos encontram muitos obstáculos nas suas trajetórias escolares como: discriminação, apelidos pejorativos, associação da dificuldade com preguiça ou desinteresse, entre outros.

Há ainda o descaso de alguns educadores, que somente se preocupam com os “melhores” alunos e não procuram se especializar a fim de encontrar meios que possibilitem a inclusão e aprendizagem de todos. Dessa forma, percebemos a necessidade de encontrar mecanismos para entender e contribuir para o crescimento dessas crianças que são prejudicadas pela disfunção que apresentam e também pela atitude de alguns educadores.

Acreditamos que nossa sociedade não está à procura de educadores somente para os “bons”, esses não “precisam ser educados”, precisamos de educadores comprometidos a lutar para que todos seus alunos se tornem os “melhores”. O educador é aquele que busca superar e modificar todos os dias sua própria prática. Em busca de encontrar formas diferenciadas de trabalhar com esses alunos disléxicos, optamos por esse tema e acreditamos na mudança, enquanto houver pessoas com força de vontade para lutar por ela.

REFERÊNCIAS

BAUER, James J. **Dislexia**: ultrapassando as barreiras do preconceito. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 104p.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 143p.
DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas**: avanços e desafios. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2012.110p.

DISLEXIA: Sugestões para professores. Disponível em: <
<http://www.portaltrocandoideias.com.br/?p=2644> > Acesso em: 12 ago. 2014.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia**: uma análise cognitiva. Tradução de Dayse Batista. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 153p.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Editora Alegro, 2002. 166p.

BRASIL. Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília 7 fev. 2006. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 02 nov. 2013.

MAIA, Heber(Org.). **Necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011. 132 p. (Neuroeducação; v.3)

OLIVEIRA, Simone Diegues. **Dislexia e suas características**. Disponível em: <
<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/SIMONE%20DIEGUES%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000. 162p.

RICHART, Marley Barbosa; BOZZO, Fátima Eliana Frigatto. **Deteção dos sintomas da dislexia e contribuições pedagógicas no aspecto ensino aprendizagem para alunos do I ciclo do ensino Fundamental**. Disponível em: <
<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC36785086850.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.

ROSS, Alan Otto. **Aspectos psicológicos dos distúrbios de aprendizagem e dificuldades na leitura**. Tradução de Alexandra Fares. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979. 287p.

SANTOS, Maria Thereza Mazorra dos; NAVAS, Ana Luiza G.P. **Distúrbios de leitura e escrita**: teoria e prática. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2002. 389p.